



Sons e Silêncios (10)

A música portuguesa: um património a descobrir

M. HELENA VIEIRA

Para o cidadão interessado por aquilo que o rodeia é possível detectar, ao virar da esquina, uma igreja barroca, ou uma fachada neoclássica. Uma entrada num museu poderá também proporcionar o contacto com um quadro maneirista, ou modernista. Melhor ou pior, a escola lá cumpriu o seu papel, fornecendo algumas pistas para a identificação e contextualização do património arquitectónico e pictórico. Melhor ou pior, todos somos capazes de ver se um edifício está bem conservado, se uma fachada foi ou não adulterada, se as construções à volta de uma igreja são ou não absurdas. Por isso, quando se fala de defesa do património, é sobretudo nos monumentos, nos quadros ou nas esculturas que se pensa.

Mas quantos saberão o que se passa com o património musical português? Não será a música, também, património a preservar? E como se preservar essa forma de arte? O povo preservava-a, naturalmente, na sua versão tradicional, cantando, tocando e dançando, tal como os oleiros vão passando de pai para filho a chama do seu gesto. Não é, pois, tão difícil apoiar a arte tradicional: feiras, certames, rusgas e festivais vão reunindo à volta da mesa dos pelouros da cultura os obreiros, vivos, das diversas artes populares. Mas quem eram os grandes compositores da poesia trovadoresca, cantada, ou os contemporâneos de Camões? Que obras musicais foram compostas em Portugal, e qual o seu valor, quando comparadas com a música italiana ao tempo de Dante, a francesa ao tempo de Corneille ou a inglesa ao tempo de Shakespeare?

Muitos estrangeiros tiveram a curiosidade de se informar e a eles devemos muitas das primeiras edições modernas e gravações em CD de música antiga portuguesa. Também à Fundação Calouste Gulbenkian devemos sentidos agradecimentos pela monumental colecção *Portugaliae Musica*, que representou o primeiro grande esforço de preservação sistemática do nosso património musical. De então para cá, sobretudo a partir da criação do Curso de Ciências Musicais da Universidade Nova de Lisboa, tem aumentado o número de especialistas capazes de compilar, ordenar, catalogar e editar as obras dos compositores portugueses dispersas por Portugal continental, pelas ilhas, e até por outros países por onde passaram.

No entanto, dada a morosidade desse tipo de trabalho, o número de especialistas está longe de ser suficiente para travar o processo de destruição do património musical português, originado pela negligência de séculos. Na sua conferência no *II Encontro de História do Ensino da Música em Portugal* (IEC - Universidade do Minho, 31 de Maio de 2001) Rui Vieira Nery alertou para a existência de diversos manuscritos em bibliotecas e arquivos portugueses que estarão completamente ilegíveis dentro dos próximos 15 a 20 anos;

outros reduzir-se-ão a pó ao serem manuseados. A música é, sem dúvida, a arte contra a qual mais se tem "pecado por omissão... É fácil observar se o Mosteiro da Batalha está a ser corroído pelo tempo - poucos poderiam ter salvo o Requiem de Frei Manuel Cardoso, hoje já disponível em CD.

Caberá às universidades, às Câmaras e à Igreja Católica contribuir para a recuperação e estudo dos espólios, aproximar os cidadãos do património musical existente, já preservado e recuperado, e fomentar a sua divulgação.

Caberá à escola tomar consciência de que também esse património deve ser acessível a todos, para que possamos esperar que o cidadão comum conheça e admire um ou outro compositor português (para além daqueles, vivos, que vão aparecendo em programas de televisão, sem que se faça, contudo, ouvir a sua música). Só quando as câmaras municipais compreenderem que é necessário fomentar e apoiar a produção de concertos com música de várias épocas, aproveitando os recursos arquitectónicos existentes, é que o seu papel ao nível da cultura (e porque não dizer, do turismo?) estará completo. Só quando a igreja católica reabrir as por-

tas dos seminários a uma sólida formação artística e musical é que os futuros sacerdotes poderão estar habilitados para apreciar e preservar os espólios de música manuscrita que o tempo tem vindo a corroer, para orientar devidamente os grupos corais e os solistas leigos, numa palavra, para integrar o belo no louvor a Deus. Por fim, só quando as universidades portuguesas forem motor de formação artística, oferecendo cursos em música, dança, pintura, escultura e teatro ao lado dos outros cursos, é que poderemos esperar melhorias no panorama geral da arte na escola e na sociedade portuguesas.

Para terminar, sugiro uma visita ao seguinte monumento: Frei Manuel Cardoso (c.1556-1650). *Requiem*. The Tallis Scholars. Dir. Peter Phillips. Gimell CDGIM 021. Este é daqueles monumentos que se pode ter em casa, para visitar várias vezes. Tenho a certeza de que, depois de ouvir esta obra, nunca mais pensará no património português da mesma maneira. Tenho a certeza de que a visita falará por si...

Sugestões de Concertos

- *II Festival Internacional de Guitarra da Trofa* (members.fortunecity.com/international_guitar_festival) Tel. 252. 850321. Todos os concertos - 21.30h. Entrada livre
Quinta-feira, 26 de Julho - Serranito em Quarteto (Espanha; flamenco); **Sexta-feira, 27 de Julho** - Norberto Pedreira Trio (França); **Sábado, 28 de Julho** - Duo Assad/Suarez Paz (Brasil/Argentina)

- *XXIII Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim*. Programas - postos de Turismo e V. de Carvalho (ww w. cm-pvarzim.pt/fimpjv) Tel. 252.61 4145

Sábado, 28 de Julho - Auditório Municipal, 21.30h Leonardo Vinci. *Li Zite'n Galera* (Os Noivos na Galera). Ópera Buffa - Comédia em Música em Três Actos. Orq. Barroca "Cappella della Pietà de' Turchini, Dir. Antonio Florio.

Terça-feira, 31 de Julho - Salão d'Ouro do Casino da Póvoa, 21.30h. Luís Marques, oboé e Luísa Tender, piano. Schumann, Mozart, Britten, Brahms, Kalliwoda.

Quinta-feira, 2 de Agosto - Salão d'Ouro do Casino da Póvoa, 21.30h. Margarida Reis, mezzo-soprano e Jaime Mota, piano. Bellini, Francisco Lacerda e Verdi.

Sábado, 4 de Agosto - Igreja de S. José de Ribamar, 21.30h. Luís Rodrigues, barítono e Orq. Sinfónica Aproarte. Dir. Ernst Schelle. Luís de Freitas Branco, Fernando C. Lapa e Hindemith.